DOI: 10.30612/rehr.v11i22.6853

REPRESENTAÇÕES SOBRE O CATOLICISMO E A UMBANDA NA IMPRENSA ESPÍRITA (RIO GRANDE DO SUL – DÉCADA DE 1950)

REPRESENTATIONS ON CATHOLICISM AND UMBANDA IN THE SPIRITIST PRESS (RIO GRANDE DO SUL – DECADE OF 1950)

José Bruno Cortês Scherer[1]

RESUMO: Este artigo discute as relações entre o espiritismo e outras perspectivas religiosas no Rio Grande do Sul em meados do século XX. A partir das publicações da revista A Reencarnação, editada pela Federação Espírita do Rio Grande do Sul (FERGS), analisam-se as percepções do movimento espírita organizado sobre o catolicismo e a umbanda, entrevendo a posição e as ações do espiritismo no campo religioso. A análise evidencia o uso da imprensa como um importante instrumento de divulgação e defesa das ideias espíritas, bem como estratégias visando à delimitação de fronteiras e a definição da identidade espírita frente a outras formas de religião e religiosidade.

Palavras Chaves: Revista; A Reencarnação; Doutrina Kardecista.

ABSTRACT: This article discusses the relationships between Spiritism and other religious perspectives in Rio Grande do Sul in the middle of the 20th century. From the publications of the journal A Reencarnação, edited by the Federação Espírita do Rio Grande do Sul (FERGS), the perceptions of the spiritism movement organized on Catholicism and Umbanda are analyzed, examining the position and actions of Spiritism in the religious field. The analysis evidences the use of the press as an important instrument for spreading ideas and defense of spiritist ideas, as well as strategies aiming at the delimitation of frontiers and the definition of the spiritism identity in front of other forms of religion and religiosity.

Keywords: Magazine; A Reencarnação; Kardecista doutrine.

INTRODUÇÃO

Em meados do século XIX o espiritismo despontou como um novo elemento no quadro da diversidade cultural e religiosa brasileira, dialogando com outras crenças, doutrinas científicas, filosóficas e políticas. Tal versatilidade explica-se pelo caráter da doutrina elaborada pelo francês Allan Kardec, em 1857, a qual ele definiu como um sistema teórico e prático de caráter científico, filosófico e moral. Formulação que permitiu a seus adeptos e lideranças no Brasil adequá-lo às possibilidades apresentadas pela realidade do país em fins do século XIX e nas primeiras décadas do XX.

1 Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: brunocs.hist@gmail.com

Como destacam os estudos de Sylvia Damázio (1994), Emerson Giumbelli (1997), Bernardo Lewgoy (2004), Fábio da Silva (2005) e Célia Arribas (2010), foi neste período que se processou a organização institucional do movimento espírita, em meio a debates e conflitos com agentes dos campos religioso, médico, científico e jurídico. Igualmente, este foi um processo marcado por tensões internas em torno da unidade institucional e doutrinária, decorrentes da diversidade de interpretações e projetos organizacionais.

Foi dentro deste contexto que se delineou e consolidou a proposta de um espiritismo de caráter religioso, sobretudo em função da atuação da instituição que veio a se tornar sua representante oficial em âmbito nacional. A *Federação Espírita Brasileira (FEB)* não apenas contribuiu para a conformação do espiritismo enquanto uma religião cristã, letrada e caritativa, como também se empenhou na difusão desse modelo, o qual influenciou a organização de grupos espíritas em todo o país. De fato, foi em sua feição religiosa e caritativa que o espiritismo se projetou mais amplamente no Brasil. Esse caráter também foi o responsável por delinear os primeiros embates no campo religioso, ainda na década de 1860, tendo como principal interlocutora e adversária a Igreja Católica (ARRIBAS, 2010).

Essas tensões adentraram o século XX, sendo motivadas por discordâncias doutrinárias advindas das interpretações espíritas dos evangelhos, da crença na reencarnação, da negação dos dogmas católicos e da prática da comunicação com os mortos. Esse embate, no entanto, foi muito mais dinâmico na medida em que colocou em pauta posições e ações políticas, sociais e culturais. Também as estratégias e os discursos dos agentes em questão adquiriram tons específicos nos diferentes contextos em que se processaram as contendas.

Tendo em vista tais elementos, este artigo apresenta as reflexões de uma pesquisa que tematiza as disputas religiosas envolvendo o espiritismo no Rio Grande do Sul em meados do século XX. Especificamente, delineiam-se aspectos relativos ao posicionamento do movimento espírita organizado em relação ao catolicismo e a umbanda a partir da análise das publicações da revista espírita *A Reencarnação*, ao longo da década de 1950. Assim, problematiza-se em que medida as percepções espíritas acerca desses agentes denotam a posição do espiritismo, bem como suas estratégias de ação no campo religioso.

A REENCARNAÇÃO

No Rio Grande do Sul a doutrina kardecista difundiu-se em fins do século XIX, sendo possível identificar a constituição de grupos organizados ao longo da década de 1890, nas cidades de Pelotas, Rio Grande e Porto Alegre. Gradualmente, suas atividades internas e externas se estruturaram, bem como seus canais de difusão, notadamente, a imprensa, o que é atestado pela fundação de diversos periódicos na passagem para o século XX (BOFF, 2001; MIGUEL, 2009; MELNITZK, 2012).

De maneira semelhante ao que se processou em outras regiões do Brasil, o desenvolvimento da imprensa espírita neste estado se constituiu como um importante instrumento de propaganda, comunicação e institucionalização. Tornou-se, igualmente, um meio eficaz

de fazer frente às oposições que o espiritismo passou a receber, sobretudo da medicina e da religião católica, que almejavam a hegemonia em seus respectivos campos de atuação, e, nesse sentido, também um meio de definição de sua identidade na sociedade (WEBER, 1999; BOFF, 2001; MIGUEL, 2010).

Criado na década de 1930 o periódico *A Reencarnação*[2] insere-se dentro de uma proposta de organização elaborada e coordenada pela *Federação Espírita do Rio Grande do Sul (FERGS)*, entidade fundada em 1921 com o objetivo de congregar e orientar os grupos espíritas em torno de princípios comuns para a prática do espiritismo (A REENCARNAÇÃO, pp. 1-2, 1955). Dentro dessa perspectiva, o periódico foi um importante instrumento para a difusão e implementação das propostas definidas pela federação, bem como para sua própria legitimação enquanto representação oficial do espiritismo no estado (SCHERER, 2015).

Posto que a análise proposta objetiva problematizar as relações entre espiritismo e outros grupos religiosos a partir do ponto de vista de suas instâncias oficiais de representação, este periódico se apresenta como uma fonte privilegiada para análise do discurso espírita. Cabe destacar que o tratamento metodológico da fonte se desenvolve por um viés problematizador que através de uma *leitura intensiva*, almeja localizar e compreender o periódico dentro de seu contexto de produção e circulação. Secundada pelo entrecruzamento com outras fontes, referenciais bibliográficos e teóricos, procura-se, enfim, identificar seus usos, agentes produtores, intencionalidades e interlocutores em diferentes contextos (ELMIR, 1995; ESPIG, 1998; LUCA, 2005).

Trata-se de uma publicação em formato de revista, com periodicidade mensal e circulação estadual. Seu conteúdo é bastante diversificado, destacando-se artigos com explanações doutrinárias, relatórios sobre a ação federativa, notas sobre a atuação do movimento espírita em níveis estadual, nacional e internacional, bem como propostas e iniciativas visando à articulação dos grupos espíritas. Os recursos de edição provinham das assinaturas e de anúncios comerciais, além de outras colaborações obtidas através de campanhas promovidas pela FERGS com vistas à propaganda do espiritismo, sobretudo em momentos de dificuldade financeira. (A REENCARNAÇÃO, p. 1, 1939)[3]

Em relação ao público-alvo o periódico era especialmente voltado às instituições espíritas, isto é, seus dirigentes, membros e trabalhadores, que poderiam colaborar com a FERGS aderindo a suas propostas e estabelecendo-as em seus respectivos grupos. No entanto, uma parcela de publicações se direcionava aos frequentadores e simpatizantes, bem como ao público mais amplo com fins de esclarecimento e propaganda.

Os responsáveis pelo conteúdo eram variados, mas, acompanhando as publicações ao longo do tempo, alguns nomes tornam-se mais frequentes. Esses autores são indivíduos

2 O periódico segue sendo publicado pela editora da Federação Espírita do Rio Grande do Sul.

3 Não foi possível identificar outros detalhes sobre a produção inicial do periódico, a não ser que na década de 1930 foi editado em uma oficina tipográfica na Rua Gal. Vitorino, 146, na cidade de Porto Alegre, sob a direção de Oscar Breyer.

reconhecidos no meio espírita sendo apresentados como profundos conhecedores do espiritismo, o que os qualificaria para expressarem-se acerca daqueles assuntos, desde que estivessem em devida sintonia com os objetivos da instituição. Com efeito, tais articulistas ocupavam a posição de porta-vozes autorizados, na medida em que cabia a eles fornecer interpretações doutrinárias, orientar as práticas espíritas, bem como divulgar e defender as propostas que endossassem a ação federativa.

Era o caso dos membros e lideranças da FERGS e dos grupos federados de Porto Alegre, tais como José Simões de Matos, Rodolfo Lemos de Melo, Djalma de Mattos, Hélio de Castro, Roberto Pedro Michelena, Francisco Spinelli e Conrado Ferrari. Um nome que deve ser mencionado à parte é o de Paulo Hecker, editor de outro periódico espírita de grande expressão no período, o *Jornal Espírita*, e também diretor e apresentador da *Hora Espírita Radiofônica*, programa semanal emitido pela Rádio Difusora Porto-Alegrense na década de 1940 (MIGUEL, 2007, p. 45).

Atrelado ao Departamento de Difusão Doutrinária da FERGS, o programa era reconhecido como um meio eficaz de divulgação da atividade espírita, tornando-se uma recomendação frequente em *A Reencarnação*, que não raro transcrevia o conteúdo das transmissões. Assim, as lideranças espíritas também marcavam presença em outro importante veículo de comunicação da época articulando a escrita e a fala em seu esforço de divulgar a doutrina, arregimentar e orientar os grupos espíritas sul-rio-grandenses.

Em suma, na década de 1950, *A Reencarnação* se configurava como uma produção elaborada por uma instituição que almejava o poder de falar em nome do espiritismo no Rio Grande do Sul. Um canal de comunicação para que indivíduos com respaldo institucional se pronunciassem acerca de questões rituais, doutrinárias, institucionais e de atuação social visando à adesão de um público específico. E, por fim, um eficiente instrumento de propaganda da ação federativa e defesa do espiritismo contra seus opositores, principalmente no campo religioso.

O DISCURSO ESPÍRITA SOBRE O CATOLICISMO E A UMBANDA

Em estudo recente, o antropólogo Emerson Giumbelli esboça uma espécie de topografia do campo religioso brasileiro nos anos 1950 caracterizando-o como um espaço plural e dinâmico, cujas reconfigurações internas articulavam-se ao contexto mais amplo e a temas que se encontravam em voga como a questão da modernização. Esse quadro de diversidade, caracterizado pela expansão do protestantismo pentecostal e das religiões mediúnicas (espiritismo, umbanda e candomblé), teria se evidenciado como um elemento de preocupação para o catolicismo, a despeito de sua posição hegemônica e prestígio junto ao poder estatal (GIUMBELLI, 2012).

Tal como os agentes supracitados, a igreja católica também passou por mudanças em sua estrutura institucional a fim de adequar-se às transformações da sociedade nesse contexto. Segundo o autor supracitado, o ecumenismo e o diálogo inter-religioso ainda não seriam posturas predominantes, de modo que a posição católica frente à diversificação do campo

religioso teria sido marcada pelo combate, especialmente em relação às religiões mediúnicas.

Uma ação significativa nesse sentido foi a criação da *Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB)*, em 1952, com o intuito de debater problemas de competência do Episcopado brasileiro em relação à atuação da Igreja junto a sociedade e ao Estado. Logo em sua primeira reunião, realizada entre os dias 17 e 20 de agosto, em Belém do Pará, a expansão do espiritismo no Brasil figurou com destaque entre as pautas de discussão. (REB, 1953, p. 491) Com efeito, na mesma ocasião deu-se a promulgação da *Campanha Nacional contra a Heresia Espírita*, cuja direção foi conferida ao frei Carlos José Boaventura Kloppenburg que então se destacava no combate ao espiritismo, a umbanda e outras perspectivas religiosas como redator da *Revista Eclesiástica Brasileira*.

De acordo com Flamarion Costa (2001), entre fins do século XIX e primeiras décadas do XX teria se difundido um discurso de combate ao espiritismo que se concentrava em sua condenação como heresia e prática diabólica. A campanha católica na década de 1950, no entanto, representaria uma mudança de postura em que se manteriam as acusações, porém, dentro de uma ação mais organizada de esclarecimento, orientada por um padrão teórico doutrinário atrelado às deliberações da CNBB e que também buscava argumentos nos campos médico, jurídico e científico.

Assim, através de pastorais, livros, periódicos, cursos e conferências, a campanha buscaria orientar o clero, esclarecer e prevenir os fiéis católicos contra o espiritismo, seus riscos e as consequências para aqueles que frequentassem suas reuniões ou aderissem às suas práticas, ainda que sem abandonar a fé católica (COSTA, 2001). A Igreja mensurava a expansão do espiritismo tendo em vista o elevado consumo de sua literatura, bem como suas incursões na imprensa e o desenvolvimento de um conjunto diversificado de ações nas áreas da saúde, educação e assistência social. Tais elementos contribuiriam para a penetração das ideias espíritas entre os católicos, daí o tom de "alertamento" e as medidas de prevenção contra a *contaminação espírita*.

Portanto, é nesse contexto que através da FERGS e da revista *A Reencarnação* o espiritismo vai se posicionar perante seus concorrentes e opositores no campo religioso. Nesse sentido, convém destacar que no Rio Grande do Sul os debates e as tensões com outros agentes religiosos remontam ao início do século XX, onde se identifica especialmente o intento de definição de uma identidade social para o espiritismo mediante sua distinção em relação a outras crenças e práticas (MIGUEL, 2010; SCHERER, 2015).

> Essa atitude também está presente no início da década de 1950, sendo possível identificar posicionamentos espíritas sob a forma de publicações que almejam esclarecer sobre os princípios fundamentais do espiritismo. Um exemplo elucidativo é o artigo *Definições Oportunas*, que traz a reprodução de uma resolução da FEB, com o objetivo de esclarecer os espíritas e não-espíritas quanto à natureza da doutrina e de suas práticas:
>
> Doutrina religiosa, sem dogmas propriamente ditos, sem liturgia, sem símbolos, sem sacerdócio organizado, ao contrário de quase todas as demais religiões, não adota em suas reuniões e em suas práticas:

> a) – paramentos ou quaisquer vestes especiais;
>
> b) – vinho ou qualquer bebida alcoólica;
>
> c) – incenso, mirra, fumo ou substâncias outras que produzam fumaça;
>
> d) – Altares, imagens, andores, velas e quaisquer objetos materiais como auxiliares de atração do público;
>
> e) – hinos ou cantos em línguas mortas ou exóticas, só admitindo, na língua do país, exclusivamente em reuniões festivas realizadas pela infância e juventude e em sessões ditas de efeito físico;
>
> f) – danças, procissões e atos análogos;
>
> g) – atender a interesses materiais terra-a-terra, rasteiros ou mundanos;
>
> h) – pagamento por toda e qualquer graça conseguida para o próximo;
>
> i) – talismãs, amuletos, orações miraculosas, bentinhos, escapulários ou quaisquer objetos e coisas semelhantes;
>
> j) – administração de sacramentos, concessão de indulgências, distribuição de títulos nobiliárquicos;
>
> k) – confeccionar horóscopos, exercer a cartomancia, a quiromancia, a astronomia e outras "mancias";
>
> l) – rituais e encenações extravagantes de modo a impressionar o público;
>
> m) – termos exóticos ou heteróclitos para a designação de seres e coisas;
>
> n) – fazer promessas e despachos, riscos, cruzes e pontos, praticar, enfim, a longa série de atos materiais oriundos das velhas e primitivas concepções religiosas. (A REENCARNAÇÃO, 1953. p. 11).

Nesses termos os espíritas procuram reafirmar sua feição de religião caritativa, posto que não exigem ou aceitam qualquer tipo de remuneração por suas ações, ao passo que negam o uso de talismãs, amuletos e o exercício de *mancias,*[4] rebatendo, dessa forma, as acusações de charlatanismo movidas por católicos, médicos e agentes repressores, desde fins do século XIX (GIUMBELLI, 1997; SILVA, 2005; ARRIBAS, 2010).

Outro exemplo nesse sentido é o alerta *Não são espíritas*, publicado de forma recorrente ao longo das décadas de 1940 e 1950:

> Os que lucram, exploram ou enganam, em nome do Espiritismo; os que se ocupam da cartomância, sortilégios ou adivinhação, para iludir aos seus semelhantes; os que mistificam ou se atribuem falsas faculdades, em cujo fundo está o absurdo, o fanatismo ou o interêsse. Quem quer que assim proceda não é espírita embora diga sê-lo. Pelos prejuízos de ordem moral que esses irmãos causam a doutrina e a verdadeira mediunidade, a FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO RIO GRANDE DO SUL, lança o seu protesto a sua reprovação, recomendando os índices acima, às pessoas de boa vontade, que procuram, no Espiritismo, instrução e consolo.

4 As "mancias" são métodos variados de adivinhação do futuro que estão presentes em diversas culturas, sendo os mais conhecidos, a cartomancia (pelas cartas de baralho ou tarô), astromancia (pela posição dos astros), a quiromancia (pelas linhas e sinais da mão do consultante) e a necromancia (pela comunicação com os mortos e seus espíritos). O estudo da parapsicologia compreende que tais práticas estimulam o inconsciente humano o que, remotamente, permitiria prever acontecimentos, mas em geral conduz a equívocos, além de dar margem a fraudes.

> Todo o trabalho espírita deve ser feito SEM REMUNERAÇÃO DIRETA OU INDIRETA porque o lema sagrado do Espiritismo é: FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO. (A REENCARNAÇÃO, p. 23, 1953).

É evidente o esforço de distinguir a doutrina espírita da chamada *mediunidade interesseira*, praticada por indivíduos e grupos sob a denominação de espiritismo visando à obtenção de ganhos financeiros e materiais. Manifestando enfaticamente seu repúdio a tais atos, a publicação expressa, em contrapartida, o aspecto que definiria o *verdadeiro* caráter do espiritismo e da mediunidade, dos quais a FERGS se colocava como representante: a prática da caridade sem fins lucrativos.

Publicados pouco antes do início da campanha católica, esses artigos indicam que o acirramento da concorrência entre espíritas, católicos e outros agentes já se evidenciava no campo religioso sul-rio-grandense. De fato, embora não haja menção direta a uma religião em particular, tais elementos permitem identificar o catolicismo e a umbanda como referências a partir das quais o espiritismo procura definir-se nesse espaço. Esse discurso vai se repetir e desenvolver ao longo da década, destacando a especificidade do espiritismo de forma crítica perante os demais agentes religiosos.

Promulgada em agosto de 1953, a *Campanha Nacional contra a Heresia Espírita*, repercute em diversos Estados brasileiros, dentre eles o Rio Grande do Sul. É assim que, em março de 1954, o Episcopado sul-rio-grandense endossa oficialmente o movimento no Estado por meio de uma Carta Pastoral Coletiva, com data de 23 de fevereiro, assinada por D. Vicente Scherer e demais Bispos da Província Eclesiástica de Porto Alegre. (UNITAS, p. 8, 1954).

> A resposta do movimento espírita é imediata, sendo atestada por um pronunciamento na edição de março de *A Reencarnação* que apresenta tanto a posição oficial da FERGS como da FEB perante a questão:
>
> Ante os termos da Pastoral dos Snrs. Bispos Católicos, Apostólicos, Romanos, residentes neste Estado, divulgada amplamente pela imprensa católica e profana, há poucos dias, a Federação Espírita do Rio Grande do Sul informa, ao povo em geral e aos espíritas em particular, o seguinte:
>
> 1.º - Lamenta sincera e profundamente o testemunho de extrema intolerância e de expressões anti-fraternas que representa aquele documento. [...]
>
> 2.º - O Espiritismo não colide com ninguém no caminho das realizações de seus postulados Cristãos, mercê do caráter universalista que encerra a Doutrina. [...]
>
> 3.º - Os Espíritas do Brasil já têm orientação firmada para responder aos ataques e às perseguições de quaisquer espécie e procedência. – Para tanto, o Conselho Federativo Nacional da FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA, órgão máximo do Espiritismo na Pátria do Evangelho, em sua sessão de 5 de setembro de 1953 resolveu: [...] Sem revolta, agressões ou polêmicas acrimoniosas [...].
>
> 4.º - A Federação Espírita do Rio Grande do Sul, por seus órgãos de divulgação, na tribuna, no rádio, pelo livro e pela imprensa espírita e profana, prosseguirá serena e imperturbável em sua campanha de esclarecimento, por todo o Estado, sem lutas e sem ataques, para que todos tenham a oportunidade de conhecer as sublimes afirmações do Espiritismo, o Consolador Prometido pelo Cristo, o Filho de deus. (A REENCARNAÇÃO, 1954, p. 1).

A declaração estabelece, portanto, uma postura não-conflitiva para o enfrentamento da campanha católica, entendida como um ato de intolerância e perseguição. A atitude espírita de não responder aos detratores com ataques, de modo a não fomentar as dissensões, é uma recomendação antiga dentro do movimento espírita organizado, constando nos Estatutos e documentos de orientação da FERGS e da FEB (SCHERER, 2015). No entanto, ressurge de maneira enfática nesse contexto em que a doutrina e seus praticantes passam a sofrer uma oposição sistemática.

Assim, através da revista e de outros canais, o espiritismo vai investir em esclarecimentos acerca de seus princípios doutrinários, práticas e ações sociais, reforçando seu caráter racional, caritativo e cristão. Para tanto, recorre à delimitação de fronteiras em relação a outros agentes, porém, neste contexto o discurso espírita passa a ser construído e enunciado de forma mais crítica, o que conduz a relativização de sua postura não-conflitiva.

Com efeito, de maneira mais ou menos explícita, os espíritas vão responder com críticas ao catolicismo, tais como a sua atuação na política partidária, seus rituais e doutrina, bem como suas representações sobre a religião e o cristianismo. Essa postura, portanto, denota uma estratégia de defesa baseada numa lógica de distinção que almeja definir o espiritismo e seus praticantes como um grupo específico, ao passo que concorre para a definição e crítica de seus concorrentes no campo religioso.

No artigo *Culto e Religião*, por exemplo, atribui-se ao primeiro termo a função e o ato de conexão da criatura com seu criador e ao segundo a qualidade de indumento criado pelas várias religiões visando à materialização do espírito religioso, como seria o caso da Igreja Católica. Nesse sentido, afirma-se:

> A força de muito cuidarem do culto ou da forma exterior, desaparece o espírito religioso abafado pelo ritualismo, pelo cerimonial aparatoso dos templos de pedra e pelos dogmas forjados nos concílios. Quando atentamos mais para a roupa do que para o corpo, a saúde periclita. Quando cuidamos mais da matéria do que do espírito, o caráter afrouxa, a consciência cochila, a razão se oblitera e os sentimentos se abastardam. A exaltação do culto se verifica à custa do rebaixamento da fé. (A REENCARNAÇÃO, 1956. p. 6).

É evidente a crítica que se dirige ao apego católico em relação à exterioridade da manifestação religiosa e ao caráter arbitrário das práticas e postulados doutrinários, em prejuízo da fé e do aspecto espiritual que seriam os elementos mais importantes na concepção espírita. A compreensão do que seria a religião, assim como a interpretação dos ensinamentos evangélicos figuram como temas de outras publicações ao longo do período.

Em *A propósito do Batismo*, discute-se a recomendação de Jesus Cristo sobre a pregação evangélica e o batismo. Quanto ao último, argumenta-se que seu significado seria o de instrução e esclarecimento dos seres humanos quanto às verdades divinas, contrapondo, assim, a interpretação católica de que a função do batismo seria a de absolver os homens do pecado original:

> Ensina a Igreja, que a alma é criada por Deus para animar o corpo no ato de nascer, e que, quando a criatura morre sem se ter batizado a alma não irá para o Céu; ficará eternamente separada do Pai, devido a não se ter desquitado do pecado original, o que nem sempre depende

> da sua vontade; pois, em se tratando de uma criança, esta paga pelo suposto descuido dos seus genitores. Ensina também a Igreja que herdamos êste pecado, em virtude da rebeldia de Adão e Eva, que seduzidos pela serpente, comeram, no Paraíso, o fruto proibido. (A REENCARNAÇÃO, 1955, p. 11).

A partir disso, indaga-se sobre o caráter da descendência que a humanidade teria em relação a Adão e Eva, pressupondo sua real existência e não como figuras simbólicas, como compreendia o espiritismo. Considerando-a como sendo de ordem corporal, refuta-se a ideia do pecado original posto que Deus não marcaria com o mal as almas que criava, representando essa crença *um absurdo, porque, se fôsse verdadeira, transformaria a justiça de Deus em iniquidade e a sua misericórdia em malvadez; faria, em muitos casos, pagar o justo pelo pecador*. (A REENCARNAÇÃO, op. cit., p. 11).

Já em *Céu e Inferno* disserta-se sobre o Juízo Final e as representações de Céu, Inferno e Purgatório, refutando-as por sua irracionalidade e ausência de bom senso:

> Se em realidade existissem o inferno de tormentos sem fim, Satanás e a condenação eterna, seriam criação de Deus que, sendo a perfeição infinita, teria criado a eternidade do mal. Essa crença inconcebível traduz concepções tão horrivelmente absurdas, em face dos essenciais e necessários atributos do Supremo Criador, que, nutrimos a firme e serena convicção de que, os que dizem possuí-la, não pensam no que dizem, ou falam sem sinceridade. Não há ninguém, que tenha suficientemente desenvolvida a faculdade do raciocínio, que, crendo no inferno e na condenação eterna, possa ter consolação e paz de Espírito [...] se sabe que parentes, amigos ou simplesmente conhecidos — que por todos devem interessar-se as almas bem formadas —, se encontram no inferno suportando padecimentos pavorosos e sem fim. (A REENCARNAÇÃO, 1957, p. 1).

Diversos artigos revisitam esses e outros temas, tais como a vida eterna, a Santíssima Trindade e a existência do Diabo, notadamente as séries *Ensinos Evangélicos* e *Missão e Diretrizes do Espiritismo*, publicadas a partir de 1957. Tais manifestações configuram-se como a expressão de representações elaboradas pelo espiritismo acerca de si e de seus oponentes, bem como sobre o cristianismo, a natureza humana e a própria sociedade, as quais concorrem para sua identificação como um grupo religioso específico num contexto conflituoso.

Em suma, o discurso espírita acerca do catolicismo constrói-se a partir de sua consideração enquanto um concorrente e um opositor ferrenho na arena religiosa que, assim, deveria ser enfrentado. É nesse sentido que o mesmo é percebido e qualificado como uma religião dogmática, retrógrada, proselitista e sectária; afeita às práticas exteriores e cujas concepções são inconsistentes dentro de uma perspectiva racional e moderna.

Já em relação à umbanda, os posicionamentos espíritas na revista são mais pontuais através de artigos que têm por objetivo a delimitação das fronteiras entre as duas doutrinas, identificando suas especificidades e emitindo juízos de valor. É o caso de uma entrevista concedida pelo presidente da FERGS, Francisco Spinelli, ao periódico *Vanguarda*, do Rio de Janeiro, reproduzida na edição de julho/agosto de 1953.

Refutando inicialmente a ideia de que a umbanda pudesse ser considerada uma vertente do espiritismo, não obstante ser igualmente uma religião espiritualista, Spinelli

reconhece o exercício da mediunidade e a prática da caridade como elementos comuns. Contudo, assinala que não deveria haver confusão sobre as duas doutrinas na medida em que *o Espiritismo tem características próprias, codificação distinta*, sendo *Doutrina de aprimoramento, sem rituais, sem sacramentos, sem hierarquias e sem certas práticas que distinguem várias religiões espiritualistas*. (A REENCARNAÇÃO, 1953, pp. 15-16). Em relação ao exercício mediúnico, Spinelli faz menção à metodologia empregada nos trabalhos de desobsessão nos centros umbandistas cujo caráter seria mais agressivo, posto que almejavam repelir os espíritos obsessores de diversas formas sem esclarecê-los.

Esse ponto de discordância fora manifestado anteriormente no artigo *Espiritismo de Terreiro*, que assinala o aspecto *fenomenológico e interesseiro* dos terreiros. Nesse sentido, afirma-se que as pessoas dirigir-se-iam para os mesmos a fim de saciar sua curiosidade e encontrar soluções para problemas pessoais e interesses de ordem material, desenvolvendo-se naqueles espaços *fenômenos espetaculares enfeitados a pontos cantados, a danças ritualistas, a pitos e goles de marafas, a cenas esquisitas*. (A REENCARNAÇÃO, 1950, p. 17)

Em *Espiritismo e Umbanda*, a aproximação e a distinção entre as duas religiões são sintetizadas na seguinte passagem:

> Espiritismo e Umbanda, voltam-se ambos à prática da caridade. Na Umbanda, porém, a caridade de efeitos ostensivos e imediatos, como a cura de moléstias, a melhoria de negócios e meios de vida, bem como a libertação de obsedados pelo afastamento compulsório do obsessor, parece ser o fim, — ao passo que no Espiritismo tudo isso constitui apenas meios para atingir um fim mais alto, que é o esclarecimento e o progresso espiritual dos indivíduos. Assim, por exemplo, na cura das obsessões, a finalidade do Espiritismo não é somente a de libertar o obsedado dos seus perseguidores, e sim a de iluminar a consciência de encarnados e desencarnados com os preceitos evangélicos de amor e perdão, afim de que ambos, libertando-se das algemas do ódio provindo de existências anteriores, alcancem, pela conciliação, a verdadeira e duradoura felicidade. (A REENCARNAÇÃO, 1956, p. 5).

Desse modo, a umbanda também é encarada como uma concorrente no campo religioso, sobretudo, por interferir na afirmação da identidade espírita ao compartilhar o exercício mediúnico e a prática da caridade. Além disso, a apropriação do termo *espiritismo* pelos grupos umbandistas se colocava como um importante elemento de disputa simbólica, tendo em vista que tanto a FERGS quanto a FEB entendiam (e ainda entendem) que a definição corresponde única e exclusivamente à doutrina de Allan Kardec.

Essa disputa remonta ao início do século XX, quando as distinções entre as práticas kardecistas, afro-brasileiras e africanas foram se definindo a partir das categorias *alto espiritismo* e *baixo espiritismo*. Yvonne Maggie (1992) e Emerson Giumbelli (1997) assinalam que tais qualificativos se originaram no seio dos órgãos de repressão, sendo também difundidos pela imprensa nas primeiras décadas do século XX. Reapropriadas pelos agentes religiosos, tais categorias influenciaram a organização de suas práticas, bem como a definição de suas identidades.

Com efeito, enquanto o *alto espiritismo* era entendido como cientifico, moderno e caridoso; o *baixo espiritismo* era relacionado a todo um conjunto de práticas consideradas

ilegítimas e exploratórias, englobando a magia negra, as tradições africanas e afro-brasileiras. Diante desse estatuto categorizador e acusatório as representações kardecistas, sobretudo a FEB, teriam empreendido o esforço para se filiar ao *alto espiritismo*. Para Giumbelli (1997), essa polarização foi eficaz para amenizar o enquadramento dos espíritas, desviando a ação repressiva para outras práticas, na mesma medida em que contribuiu para a definição de sua identidade e para consolidar a perspectiva organizativa da federação.

Todavia, na década de 1950, identifica-se outro posicionamento das representações espíritas que então recusam a dicotomia *alto* e *baixo* em favor da oposição entre *verdadeiro* e *falso*, para reivindicar o uso exclusivo dos termos *espírita* e *espiritismo*. É o caso do artigo *Baixo Espiritismo*, publicado na edição de novembro de 1957, em *A Reencarnação*, que reitera o fato de que a ocorrência do fenômeno mediúnico em diferentes religiões não seria suficiente para qualifica-las como espiritismo:

> É preciso então que se diga que uma divisão do Espiritismo em "alto" e "baixo", é impossível. Idéia, sem dúvida, de quem pouco entende do assunto. O Espiritismo é uno, tem as suas características próprias, não se confunde. Querer equipará-lo ao fenômeno puro e simples das manifestações materiais, é ainda maior erro. As manifestações mediúnicas dão-se por toda parte. (A REENCARNAÇÃO, 1957, p. 24)

Mais adiante, expõe o diferencial do espiritismo pela forma com que compreende e prática a mediunidade, argumentando em favor de uma nova definição:

> O que o Espiritismo faz — e somente ele faz — traçar normas, imprimir disciplina a essas manifestações. Veja-se a esse respeito, especialmente, O LIVRO DOS MÉDIUNS, guia e roteiro seguro para quem queira se orientar no terreno das práticas espíritas. Tudo que se opere de acordo com as instruções contidas nesse livro, visto não destoar dos preceitos éticos da nossa Doutrina, justifica o nome de ESPIRITISMO; mas, neste caso, em vez de "alto" chamemo-lo - VERDADEIRO. Fora do Espiritismo, cujo padrão inconfundível são as obras basilares de Allan Kardec, só existe FALSO ESPIRITISMO, ou melhor, mediunismo baldo de conteúdo doutrinário, sem objetivo de reforma do indivíduo. (A REENCARNAÇÃO, op. cit.)

Assim, tal como em relação ao catolicismo, os espíritas recorrem a lógica de distinção, estabelecendo as fronteiras em relação à religião umbandista, ao passo que forjam um discurso que enfatiza sua carência de conteúdo doutrinário, método e disciplina; que critica o atendimento de demandas materiais; a associação de conhecimentos e práticas de origem diversa; e o caráter ostensivo de suas manifestações.

Diante dos elementos brevemente apresentados, pode-se considerar a perspectiva de afirmação de uma identidade social para o espiritismo na década de 1950, na medida em que esse quadro denota o que Denys Cuche (1999, p. 184) descreve como *a negociação de uma "auto-identidade" definida por si mesmo e uma "hetero-identidade" definida pelos outros*. De fato, na medida em que os católicos movem oposições e críticas ao espiritismo, este se defende esclarecendo tais aspectos, reivindicando suas especificidades e atributos positivos, ressaltando sua desvinculação e criticando as práticas de seus concorrentes.

Esse processo se apresenta como inerente a dinâmica do campo religioso que, segundo Pierre Bourdieu (2011), configura-se como um espaço relativamente autônomo dotado de lógica e necessidades específicas, e lugar de relações de concorrência que os diferentes

agentes especializados mantêm entre si no atendimento às demandas dos leigos. Assim, as operações de identificação também têm seu lugar nessas disputas, na medida em que concorrem para a legitimação das propostas de um grupo, não raro, mediante a desqualificação dos outros.

Portanto, é possível compreender as concepções, atitudes e discursos espíritas em relação à definição de sua doutrina, como formas de autoclassificação, as quais também se prestam à classificação do outro (catolicismo e umbanda). Nesse sentido, há que se considerar que as ações dos indivíduos estão pautadas pela posição que ocupam no espaço social, mas também pelas formas com que eles apreendem a realidade.

Os espíritas não apenas reivindicavam para si o caráter de uma religião cristã, dentre outras particularidades, tais como a perspectiva racional e a prática da caridade, como também expressavam e defendiam suas concepções sobre a religião em contraposição às de seus concorrentes, notadamente o catolicismo. É nesse sentido que se mostra pertinente o conceito de *representações*, capaz de articular três registros de realidade:

> [...] por um lado, as representações coletivas que incorporam nos indivíduos as divisões do mundo social e organizam os esquemas de percepção a partir dos quais eles classificam, julgam e agem; por outro, as formas de exibição e de estilização da identidade que pretendem ver reconhecida; enfim, a delegação a representantes (indivíduos particulares, instituições, instâncias abstratas) da coerência e da estabilidade da identidade assim afirmada. (CHARTIER, 2002, p. 11)

Expressas por seus preceitos doutrinários, as representações espíritas configuram-se como traços distintivos dessa religião e também de seus adeptos que as assimilam, de forma consciente e/ou inconsciente, como matrizes de suas práticas. Os diferentes grupos que compõem a sociedade produzem e compartilham representações próprias que os definem, e, em diferentes graus, os aproximam ou opõem tenazmente. Acredita-se que este também seja o caso das oposições entre espíritas e católicos no campo religioso sul-rio-grandense da década de 1950, configurando o que Chartier (1990) denomina de "lutas de representações" que se processariam entre indivíduos, grupos e instituições no espaço social e das quais as afirmações de identidade tomam parte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo procurou-se delinear o posicionamento do espiritismo em relação a outros agentes religiosos no Rio Grande do Sul em meados do século XX. A análise da revista *A Reencarnação* evidencia que o discurso espírita sobre o catolicismo e a umbanda se constituiu dentro de um contexto de pluralidade e concorrência no campo religioso. A despeito de reivindicar uma postura não-conflitiva, através de suas instâncias oficiais de representação, o espiritismo procura demarcar sua posição neste espaço investindo numa lógica de distinção, a partir da qual critica, qualifica e responde aos seus opositores.

Tal atitude é especialmente assumida no embate com a Igreja Católica, que se intensifica na década de 1950 com a *Campanha Nacional contra a Heresia Espírita*, movimento que deveria conter e reverter a penetração do espiritismo entre os católicos. Nessa disputa,

constituem-se e enunciam-se discursos que se prestam a classificação de si e do outro, bem como colocam em debate princípios doutrinários, rituais e representações sobre a religião, o cristianismo, a sociedade, entre outros temas. Por sua vez, destaca-se a disputa simbólica com a umbanda em torno do compartilhamento de determinadas práticas e concepções, bem como pela utilização dos termos *espírita* e *espiritismo*.

Nesse sentido é importante destacar o potencial da imprensa como uma fonte privilegiada na análise das relações entre diferentes grupos religiosos, tendo em vista seu caráter de divulgação e defesa de ideias. Esse é o caso da revista *A Reencarnação* que se constituiu como um importante instrumento de propaganda das perspectivas organizacionais traçadas pela FERGS, bem como das posições do movimento espírita em relação a outros agentes, estabelecendo ações e posturas visando à definição da identidade espírita.

Dados os limites deste texto, os aspectos aqui elencados apenas esboçam um panorama geral e preliminar sobre o embate entre espiritismo, catolicismo e umbanda, o qual suscita reflexões mais densas com a consideração de outros elementos documentais da imprensa religiosa e leiga. Procedimento que, aliado a uma reflexão teórica mais profunda em relação à dinâmica do campo religioso, possibilitará uma melhor compreensão acerca das questões e estratégias colocadas em disputa por esses agentes e sua repercussão na sociedade sul-rio-grandense.

REFERÊNCIAS

ARRIBAS, Célia da Graça. **Afinal, espiritismo é religião? A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira**. São Paulo: Alameda, 2010.

BOFF, Angélica Bersch. **Espiritismo, alienismo e medicina: ciência ou fé? Os saberes publicados na imprensa gaúcha da década de 1920**. INFORMAR ANO DE DEFESA, 264 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

BOURDIEU, Pierre. Gênese e estrutura do campo religioso. In: **A economia das trocas simbólicas**. Vários tradutores. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 27-78.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural. Entre práticas e representações**. Tradução: Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. **A beira da falésia:** a história entre certezas e inquietudes. Tradução: Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: EdUFRGS, 2002.

COSTA, Flamarion Laba da. **Demônios e anjos:** o embate entre espíritas e católicos na República Brasileira até a década de 60 do século XX. INFORMAR ANO DE DEFESA, 271 f. Tese (Doutorado em História) - INFORMAR FACULDADE, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2001.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução: Viviane Ribeiro. Bauru: EDUCS, 1999.

DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo:** advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

ELMIR, Cláudio Pereira. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. **Cadernos de Estudo,** Porto Alegre, n. 13, pp. 19-29, 1995.

ESPIG, Márcia Janete. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado. **Estudos Ibero-Americanos,** INFORMAR CIDADE, v. 24, n. 2, pp. 269-289, dez. 1998.

GIUMBELLI, Emerson. ***O cuidado dos mortos*:** uma história da condenação e legitimação do espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

_____. Religiões no Brasil dos anos 1950: processos de modernização e configurações da pluralidade. **PLURA - Revista de Estudos de Religião**. v. 3, n. 1. 2012. p. 79-96.

LEWGOY, Bernardo. **O grande mediador:** Chico Xavier e a cultura brasileira. Bauru: EDUSC, 2004.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

MAGGIE, Ivone. **Medo do feitiço:** relações entre magia e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.

MELNITZKI, Marcelo Lima. **As regras espirituais são tão exatas e positivas como as das ciências materiais:** as representações sobre a ciência no Jornal Espírita. Porto Alegre, década de 1930. 2010. 160 f. Dissertação (Mestrado em História) –INFORMAR FACULDADE, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

MIGUEL, Sinuê Neckel. **Espiritismo unificado: Movimento espírita brasileiro e suas relações com o Estado (1937-1951)**. 2007. 110 f. Monografia (Bacharelado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

_____. Espiritismo fin de siècle: a inserção do Espiritismo no Rio Grande do Sul (1896-1898). **Revista Brasileira de Histórias das Religiões**. (ANPUH), ano 2, n. 4, maio 2009. 40 p. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf3/texto7.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2016.

_____. O espiritismo frente à igreja católica em disputa por espaço na Era Vargas. **Revista Esboços**. UFSC. Florianópolis, v. 17, n. 24, p. 203-226, 2010.

Disponível em: < https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2010v17n24p203 >. Acesso em: 19 ago. 2016.

A REENCARNAÇÃO, Porto Alegre, ano 6, n. 1, out. 1939.

_____, _____, ano 16, n. 10-11, jul.-ago. 1950.

_____, _____, ano 17, n. 18, fev. 1953.

_____, _____, _____, n. 21-22, maio-jun. 1953.

_____, _____, _____, n. 23-24, jul.-ago. 1953.

_____, _____, ano 19, n. 3, mar. 1954.

_____, _____, ano 20, n. 6-7, mar.-abr. 1955.

_____, _____, _____, n. 10-11, jul.-ago. 1955.

_____, _____, ano 22, n. 12, set. 1956.

_____, _____, ano 24, n. 2, nov. 1957.

_____, _____, ano 23, n. 5, Porto Alegre. fev. 1957.

REB , Petrópolis, v. 13, fasc. 2, jun. 1953.

SCHERER, Bruno Cortês. **A Federação Espírita do Rio Grande do Sul e a organização do movimento espírita rio-grandense (1934-1959)**. 176p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

SILVA, Fabio Luiz da. **Espiritismo: História e Poder (1938-1949)**. Londrina: EDUEL, 2005.

UNITAS: boletim da Arquidiocese de Porto Alegre. Porto Alegre, 1, mar. 1954. fasc.

WEBER, Beatriz Teixeira. *As Artes de Curar*. Medicina, religião, magia e positivismo na República Rio-grandense. Santa Maria/Bauru: EDUFSM/EDUSC, 1999.

Sites

Site da Federação Espírita do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.fergs.org.br/>. Acesso em: 25 ago. 2017.

Artigo recebido em 11/09/2017
Artigo aceito em 30/10/2017